

## EDITORIAL

Ao final de um ano árduo, no qual por vezes nos parece que nada permaneceu inalterado, exceto as nuvens – como disse um célebre berlinense – este especial da *AYVU: Revista de Psicologia da Universidade Federal Fluminense/Volta Redonda* anseia marcar a urgência política de um verbo: NARRAR. No cenário de conflitos e impasses de uma conjuntura nacional (e, porque não, latino-americana?) que nos faz deparar com fundamentalismos e binarismos cada vez mais acirrados, pôr em causa a narração abre uma via para uma atenção a sutilezas no enfrentamento cotidiano dessas dicotomias maniqueístas que, em qualquer de seus pólos, não faz senão calar multiplicidades com o troar monocórdio de suas verdades totalizantes. Afinal, nos mais distintos modos de dizer *narrar* entra em jogo a dimensão da contingência, do provisório, daquilo que se constitui na singularidade de cada disputa, e que portanto se pode dizer *apenas* nesta preciosa fragilidade que ecoa a cada vez.

Reuniram-se aqui trabalhos que, por distintas e polifônicas abordagens, recortes, problemáticas e propostas ético-estéticas, trazem o verbo “narrar” como importante dispositivo para pensar práticas de investigação e intervenção. Seja ele tomado como estratégia metodológica, como conceito axial capaz de articular a especificidade de um campo problemático, como ferramenta de análise e construção de objeto, como estratégia de sobrevivência, resistência, insistência... Enfim, trabalhos atentos ao rigor e urgência de pesquisas que têm sido desenvolvidas no Brasil e América Latina, e que podem oferecer fundamentais contribuições às construções do campo da Psicologia por abordagens transversais pelas artes, ciências humanas e filosofia. De modo não a recompor ou reencontrar seus limites disciplinares, mas antes interrogá-los, tensioná-los, estilhaçá-los.

O leitor deste número especial é, sem dúvida, convidado a percorrer histórias. Das inquietações de pesquisadores dos países *hermanos* como México e Argentina, ou então do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Alagoas, estas histórias aqui se encarnam em convites ao jogo e ao passo de dança; em rabiscos vertiginosos e delicados de diários de campo; em construções cuidadosas das palavras que se dão a ver como imagens a serem manuseadas, usadas, rasuradas; em contares e recontares

que atravessam cidades, sertões, infâncias, ficções, vidas; ou então, em movimentos de recolher dos conceitos sua radicalidade e atualidade, interessados naquilo que estes conceitos dão passagem, e naquilo que enfrentam. Deste convite a tais histórias esperamos, enfim, que o leitor, com passo próprio, encontre um espaço de interlocução e de instigação de suas problemáticas e métodos.

Ao final deste número encontra-se também uma seção nomeada: *e ainda*. Assim como em números anteriores, a Revista AYVU busca afirmar espaços de derivas, desvios, diferenças. Nesta seção, em especial, compreendemos que se inaugura um espaço de uma possível e profícua provocação uma vez que esta sessão não pretende se colocar como simples justaposição ao resto dos trabalhos publicados, mas antes fazer um movimento – audacioso? – de dizer mais uma vez, e ainda outra e... questões que estão no cerne do próprio número temático. Sem, é claro, ignorar seus riscos; sua possibilidade de simplesmente não *acontecer* enquanto tal, enquanto provocação.

Assim sendo, prezado leitor, uma boa leitura.

Ana Cabral Rodrigues (editora convidada)